

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**Curso de Cinema e Audiovisual**

CAROLINA MONTEIRO ALVES

**MIDIATIZANDO A DEMOCRATIZAÇÃO DA BIRMÂNIA:**  
**Da prática social à prática discursiva de uma revolução**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
entregue como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Cinema e Audiovisual pela Universidade  
Federal de Pelotas e orientado pela  
professora Doutora Ana Paula Penkala.

PELOTAS  
2014

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Paula Cruz Penkala Dias

Prof. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa

Prof. Dr. Ricardo Zimmermann Fiegenbaum

*Este trabalho de conclusão de curso não se trata de um texto muito longo, mas percebo a necessidade de registrar por escrito, neste fechamento teórico da minha graduação, algumas conclusões desacadêmicas:*

*Seria impossível agradecer de forma satisfatória em uma pequena nota a todos que construíram esta experiência comigo, por isso, em breve eu quero dizer de forma particular a cada um o quanto e por que motivo eu os quero agradecer.*

*No entanto, há agradecimentos que precisam estar nestas primeiras páginas como homenagem: agradeço à minha família, que acreditou no Cinema e Audiovisual comigo, e a Jesus, que amou, ama e sempre amará o cumprimento das palavras de seu Pai.*

## **MIDIATIZAÇÃO DE UMA REVOLUÇÃO: Da prática social à prática discursiva sobre a Revolução Açafrão**

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo perceber como o produto documentário *Burma VJ – Reporter i et lukket land* (Anders Østergaard, 2008)<sup>1</sup>, se insere no processo de transição política da Birmânia (Mianmar), país asiático que manteve um regime militar entre 1962 e 2010. A pesquisa percorre parte do trajeto de mediação das práticas sociais militantes birmanesas entre 2007 e 2010<sup>2</sup>, período entre a Revolução Açafrão e a popularização deste documentário, que é feito a partir de arquivos clandestinos de vídeo digital.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mediação, regime militar, Burma VJ.

### **ABSTRACT**

This work aims to see how the documentary *Burma VJ - Reporter i et lukket land* (Anders Østergaard, 2008)<sup>1</sup>, forms part of the political change process in Burma (Myanmar), Asian country that maintained a military regime between 1962 and 2010. This study covers part of the media coverage path of Burmese activists social practices since 2007 until 2010, the period between the Saffron Revolution and the popularization of this documentary, which is made of illegal digital video archive.

### **KEYWORDS**

Mediatization, military regime, Burma VJ.

---

<sup>1</sup> Burma VJ: Notícias de um país fechado/ Burma VJ: Reporting from a closed country. VJ para vídeo-jornalistas. É um documentário de 84 minutos, co-produção Dinamarca, Suécia, Noruega, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, Holanda, Israel, Espanha, Bélgica e Canadá – regularmente considerado um filme dinamarquês.

<sup>2</sup> Este trabalho escrito anexa CD-R com alguns arquivos fílmicos a que nos referiremos adiante.

## INTRODUÇÃO

O problema que norteia esta pesquisa é propõe a percepção da forma com que os vídeos de denúncia, na sua derivação em produto documentário *Burma VJ*, se inserem no recente processo de democratização da Birmânia, que se dá pela mediatização de práticas sociais militantes e decorrente transformação em práticas discursivas de denúncia. A Birmânia, chamada de Mianmar por alteração oficial da Junta Militar em 1989<sup>3</sup>, é um país marcado por tensões étnicas desde a sua colonização<sup>4</sup>, em conflitos religiosos e de clãs que foram obrigados a participar de uma mesma identidade nacional (CORDEIRO, 2012, p.6). Localizada entre a China, Bangladesh, Laos, Tailândia, Índia e o Golfo de Bengala, tem população de mais de 53 milhões de pessoas pelo censo nacional de 2013, num território de 676 mil km<sup>2</sup>.

Entre os anos 2000 e 2010, o país enfrentou modificações na sua estrutura política, e também pela maior catástrofe natural já registrada em sua história, causada pela passagem do ciclone Nargis (2008). Em 2010, foi destituído o regime militar que governava o país desde a década de 1960, estabelecendo um governo civil no lugar deste – ainda que acometido de resguardos não democráticos, como a reserva para vagas militares no parlamento. Com o desenrolar desta primeira década de 2000, o vídeo digital desempenhou papéis notáveis no processo de democratização da Birmânia, que redespertaram o assunto na discussão internacional.

No começo dos anos 2000, birmaneses militantes, ainda que sem prática profissional do jornalismo, pegaram câmeras de mão e registraram repressões executadas pela polícia, contrabandeando estes vídeos para fora do país de modo a cortar volta da censura

---

<sup>3</sup> Ambos nomes são reconhecidos como oficiais pelo mundo, mas há alguns países que não adotaram a alteração realizada, como o Reino Unido, Austrália, Estados Unidos e Canadá, classificando o nome Mianmar como “oficial não-reconhecido”, segundo afirmações registradas na *Universal Periodic Review of Myanmar*, em janeiro de 2011 (<http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/UPR/Pages/MMsession10.aspx>).

<sup>4</sup> Conquista britânica após as três guerras anglo-birmanesas (1824-1885).

imposta<sup>5</sup>. As imagens foram divulgadas de fora para dentro da censura, pelo canal de televisão DVB (Democratic Voice of Burma<sup>6</sup>) e outros estrangeiros – principalmente da Europa ocidental – podendo anunciar em Mianmar estes acontecimentos. Os militantes passaram a se denominar como “vídeo-jornalistas”<sup>7</sup>, comprometidos com o livre acesso à informação pela Birmânia<sup>8</sup>.

No ano de 2008, Anders Østergaard, documentarista dinamarquês reconhecido pela habilidade no trabalho com imagens de arquivo<sup>9</sup>, lançou o filme *Burma VJ – Reporter i et lukket land*, que narra a Revolução Açafrão (2007)<sup>10</sup>. O conteúdo utilizado foi captado por cerca de trinta vídeo-jornalistas<sup>11</sup> espalhados pela manifestação, a maior desde a instalação do regime birmanês. Indicado à categoria de melhor documentário no Oscar 2010, exaltou ainda mais a necessidade de retomada do debate sobre a ação estatal no pequeno país e, principalmente pela sua popularidade, anunciou também às gerações mais jovens que pouco ou nunca tocaram no assunto. Assim, a comunidade birmanesa retomou a incisão do seu posicionamento contrário à ditadura, quando fomentada pela discussão global que o assunto pôde obter devido o contexto de recepção do filme no mundo ocidental, e à força do audiovisual em comunicar este retrato de violência.

No entanto, outros cidadãos, aparentemente de hábitos sem aspirações militantes até então, registraram de forma similar aos vídeo-jornalistas as consequências da passagem do ciclone Nargis: catástrofe que, maquiada pelo governo, obteve contagem de mortos, desaparecidos e feridos abaixo dos números indicados pela Cruz Vermelha e pela ONU<sup>12</sup>. Estes vídeos foram enviados às redes jornalísticas internacionais pela internet ou por mãos de alguém, “alguém” este disposto a correr o risco de, se descoberto, perder o material, o equipamento e provavelmente até ser detido.

<sup>5</sup> A Lei Eletrônica, que regulamenta violações dentro da internet birmanesa, desenvolve penas de, em média, 20 anos de prisão (<http://www.ips.org/ipsbrasil.net/print.php?idnews=5476>).

<sup>6</sup> Voz Democrática da Birmânia, em tradução livre.

<sup>7</sup> Captado em relato do documentário *Burma VJ*.

<sup>8</sup> Declaração de missão da “Voz Democrática de Burma” em anexo.

<sup>9</sup> A filmografia do diretor é composta por vários trabalhos anteriores de montagem com imagens de arquivo, inclusive o título mais conhecido, *Tintin et moi* (2003).

<sup>10</sup> “Açafrão” é em referência aos trajes típicos dos monges budistas, coloridos a açafrão.

<sup>11</sup> Afirmado pela narração do documentário.

<sup>12</sup> O contraste é de um número de 43 mil mortos mais 28 mil desaparecidos segundo cálculo oficial do país, contra mais de 100 mil, entre mortos e desaparecidos, pela ONU e Cruz Vermelha. A contagem oficial do país ainda foi corrigida, posteriormente. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/080517\\_mianmaratualizafn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/080517_mianmaratualizafn.shtml) (acesso em 19 nov. 2014).

Nota-se, portanto, recorrente nas situações expostas que o suporte usado pelas investidas de denúncia da população é o vídeo digital, gerador de registros audiovisuais em equipamentos que já fazem parte do repertório da geração adulta e urbana do país em questão. Essas tecnologias são de manuseio intuitivo e funcionam a um relativo baixo custo econômico, podendo com rapidez os registros chegarem ao público. Ainda, se propulsionado pela difusão possibilitada via internet, torna-se ferramenta global para a midiatização (isto é, para publicizar, através de determinadas tecnologias, suas enunciações).

Assim, a questão proposta por este trabalho é: de que forma a prática social militante dos birmaneses manifestantes se transforma em prática discursiva? Para atender a proposta, tomaremos o momento de sua reconstrução em produto de linguagem audiovisual, o documentário, como principal ponto de análise. A situação específica pesquisada observa o trabalho destes vídeo-jornalistas que, munidos de *handycams* escondidas, registraram e contrabandearam arquivos digitais para redes estrangeiras de notícias como DVB, BBC, Fox News, Al Jazeera, CNN e outras, burlando a censura imposta. Tomando o vídeo digital como um fenômeno, no contexto apresentado, de que forma a prática social tornou-se discursiva? A problematização assume duas premissas, a partir das quais conduzo minha investigação. A primeira se refere ao fato de o vídeo digital, enquanto processo social, teve papel significativo no processo de transição entre um sistema ditatorial e uma aproximação de democracia. A outra premissa é a já histórica democratização da Birmânia – ponto que não será discutido aqui senão enquanto fato estritamente relacionado à interferência que os objetos empíricos aqui observados geraram na situação política daquele país.

Para responder à questão indicada, proponho primeiramente fazer uma abordagem da história birmanesa recente, buscando contextualizar o processo de democratização dentro de um escopo maior, onde apresento sua cultura, organização social e as questões políticas. Esta primeira parte também apresentará a atuação da mídia naquele país na então ditadura. Depois, apresento os contextos que explicam e dão suporte ao objeto empírico desta pesquisa, que é a Revolução Açafrão e sua relação com o filme *Burma VJ*. Os suportes teóricos são por vias bibliográficas e audiovisuais, sendo trazidas para a conceituação e observação do objeto estudado os vídeos e filme a que nos referimos, notas e matérias jornalísticas sobre a Birmânia no período correspondente, e estudo teórico em textos e/ou palestras (encontradas no YouTube) de José Luiz Braga, Márcia Cordeiro e Jairo Ferreira.

## 1 BIRMÂNIA: CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo o estudo de Márcia Cordeiro, o fim do período colonial do país é recente, datado de 1948, quando tornou-se independente da Inglaterra. Esse domínio inglês, desde 1824, sujeitou a Birmânia primeiramente à homogeneização de diferentes povos sob uma mesma identidade nacional colonizada, mas além dos consequentes conflitos internos causados por isso, também a duas guerras: primeiro, pela independência da Índia Britânica, o que foi conquistado com sucesso apenas em 1937; depois, no começo dos anos 1940, quando da invasão japonesa na 2ª Guerra Mundial – sendo, por fim, reconquistada pela Inglaterra em 1945 (CORDEIRO, 2012, p.6).

Assim, o domínio inglês não significava tempos de paz, mas constantes atritos entre os povos autóctones (CORDEIRO, 2012, p.6). O budismo é fortemente enraizado na cultura birmanesa, porém habitualmente não tem costume de se envolver em assuntos políticos – a não ser quando estes interferem nas necessidades básicas de vida da comunidade onde está inserido. Por descontentamento do povo aos sacrilégios e desrespeitos dos colonizadores, a característica de identidade budista da maioria da população local entrou em conflito com o comportamento do colonizador, e desde então para os birmaneses o budismo tornou-se forte símbolo de resistência (CORDEIRO, 2012, p.2).

A partir de 1948, a Birmânia foi reconhecida como república democrática. Ainda assim, segundo Gavan Reynolds<sup>13</sup>, por conta daqueles conflitos étnicos mal resolvidos oriundos da “homogeneização”, movimentos separatistas enfraqueceram a democracia parlamentar instaurada. Em 1962 a instituição militar interveio nessa situação, a fim de manter afirmada a identidade nacional birmanesa sobreposta às diferenças étnicas, e acabou tomando conta do governo até 2010 – proibindo, inclusive, o ensino de línguas e religiões das minorias, para dissolver a sua cultura e forçar sua integração como nação (CORDEIRO, 2012, p.2). A guerra civil, porém, continuou, e o golpe socialista militar de pronto se mostrou cruel em suas práticas repressivas<sup>14</sup>, levando o povo à pobreza e negando a sua genuína autodeterminação (REYNOLDS, 2011, p. 4).

Prontamente e até seus últimos meses de existência, o governo, caracterizado como socialista-militar, mostrou-se truculento não apenas aos rebeldes políticos (estes presos, torturados ou mortos), mas a população civil em geral passou por diversos tipos de abusos que

---

<sup>13</sup>Gavan Reynolds é Brigadeiro australiano, graduado em Estudos Estratégicos e mestre em Estudos de Defesa.

<sup>14</sup>Práticas detalhadas em relatórios da organização não-governamental internacional *Human Rights Watch*, disponíveis na internet ([http://www.hrw.org/search/apachesolr\\_search/burma](http://www.hrw.org/search/apachesolr_search/burma)).

eram incentivados como táticas de subjugação da população mais pobre: minorias étnicas foram lançadas a trabalhos forçados, impuseram limitações à permissão de casamentos, exploração sexual, discriminação às comunidades muçulmanas e serviço militar infantil forçado<sup>15</sup> (QUINTANA, 2010, p. 3).

Com a falência de grande parte dos regimes socialistas no fim da década de 1980 e conseqüente perda de apoio da população, cresceram as manifestações populares de descontentamento com o regime em vigor, principalmente por parte dos estudantes. As ordens governamentais foram de que as organizações estatais se desfizessem, os funcionários foram coagidos a não regressarem a seus trabalhos, e foram proibidos os ajuntamentos com mais que quatro pessoas, sendo ordenado aos guardas dispararem contra quem desobedecesse ao toque de recolher instituído (CORDEIRO, 2012, p.12).

Entre 1988 e 1990, em vista das manifestações populares, o regime militar abriu o registro para novos partidos políticos, que obteve 233 grupos cadastrados e promoveu eleições gerais que, após alguns adiamentos, no ano de 1990 resultaram na vitória da Liga Nacional para a Democracia, liderada por Aung San Suu Kyi. A junta militar, porém, não acatou o resultado e não saiu do poder por mais outras duas décadas (CORDEIRO, 2012, p. 1).

### 1.1 A censura no regime militar na Birmânia

Das naturezas de um regime militar, não há possibilidade de fonte de informação à população que seja livre de intervenção estatal, principalmente pela utilização do *marketing* para a manutenção do poder conquistado – e direcionamentos segundo os interesses econômicos envolvidos. Em 1995, Ruy Sardinha Lopes<sup>16</sup> constatava a respeito do *marketing* bélico em experiências com as transmissões de rádio e televisão, destacando o “Poder das imagens”:

A utilização midiática da guerra, (...) a supressão dos mortos e a não veiculação dos protestos contrários à guerra, demonstraram o quanto os militares americanos aprenderam a lição do Vietnã, *passando a valer-se do Poder das imagens*. (...) Por parte dos Estados Unidos, as imagens dos soldados americanos mortos e as informações sobre o número de soldados e armamentos utilizados foram censurados. Sadam Hussein, por sua vez, impediu a divulgação de imagens das baixas civis e militares. O cerceamento do acesso às antenas transmissoras, quer devido ao recurso do corte de energia elétrica, quer através da "queima" das faixas de onda com

<sup>15</sup>A maioria dessas crianças são retiradas do trabalho forçado para o trabalho militar forçado. Elas servem como moeda de troca entre oficiais militares (Human Rights Watch, p. 36, 2002).

<sup>16</sup>Doutor em Filosofia pela USP, professor da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição e presidente da seção brasileira da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura.

poderosas interferências eletromagnéticas (Machado, 1992), demonstrou a militarização do espaço eletromagnético e um dos paradoxos mais marcantes das tecnologias de comunicação de nossa época, a Guerra transmitida "ao vivo" transformou-se num *jogo de desinformação*. Percebe-se, assim, o quanto os diversos meios de enganar, distorcer, desvirtuar e dissimular tornam-se estruturais em nossa sociedade. O fato é que, por trás da fascinação tecnológica reside a lógica da destruição - dos significados, da verdade, das cidades, das vidas, das diferenças etc. A repetição, elevada à potência, de Auschwitz, Hiroshima, Vietnã e demais vítimas silenciadas. (LOPES, 1995, p. 128, grifo meu)

Ainda assim, apesar da censura promovida pelo Estado birmanês, em 1992 iniciou-se a transmissão da DVB. A princípio, em forma de uma emissora de rádio, exilada em 1998 na Tailândia (mudando-se posteriormente para a Noruega), levando aos birmaneses notícias que antes eram omitidas ou modificadas pelas agências que funcionavam no país sob censuras governamentais. Nacionalmente, não era possível veicular certos fatos, mas internacionalmente foi possível relatar dentro da própria Birmânia o que vinha ocorrendo. Dentre as mídias audiovisuais, não apenas a televisão, mas o vídeo digital e a internet têm sido responsáveis por notáveis agitações sociais e políticas quando se unem, por exemplo, via YouTube, postos em circulação e suas múltiplas repetições pelas redes sociais. É um tipo de material que acaba tomando proporções globais com relativa fluidez.

## **1.2 A Revolução Açafrão, o ciclone Nargis e *Burma VJ***

A partir de 2006, manifestações populares de insatisfação com o regime militar se revitalizaram devido à abrupta dobra do preço dos combustíveis, aumento por conta do corte de subsídios do governo ao setor, estagnando a já fraca economia. Essas manifestações e as respostas militares que resultaram em mortos, feridos e presos, omitidos pela mídia local, foram gravadas por jornalistas birmaneses e enviadas às redes televisivas internacionais (que até então pouco tinham imagens sobre a rígida condição da Birmânia), causando impacto na comunidade mundial.

No ano de 2007, ocorreu a chamada Revolução Açafrão, detalhada pelo documentário *Burma VJ - Reporter i et lukket land*. A Revolução começou por causa da repressão policial em prisões e espancamentos de um pequeno grupo de monges que protestou de forma pacífica por atendimento das necessidades de um vilarejo. Espancá-los foi, certamente, uma decisão que contribuiu para a queda de um governo que já não era popular, observando que o budismo seja parte da identidade da maioria da população.

A partir disso, houve mobilização geral dos monges birmaneses, e passeata na ex-

capital, Rangum, em agosto do mesmo ano. Milhares de monges saíram do centro da cidade até portão da prisão domiciliar de Aung San Suu Kyi, agregando à caminhada parte da população comum nas ruas, casas e estabelecimentos comerciais. Este dia obteve a contabilidade de mais de cem mil pessoas em manifestação. A ocasião também somou à conta o primeiro estrangeiro morto em protestos dentro do país: munido de uma câmera, o jornalista japonês Kenji Nagai da APF News foi baleado cerca de um metro de distância (segundo legista responsável pelo exame), desfazendo o auxílio econômico Japão-Birmânia<sup>17</sup>. Um dos líderes da Revolução, o monge Shin Gambira, foi, ainda após ter sido anistiado, condenado a 68 anos de prisão e 12 anos de trabalhos forçados<sup>18</sup>.

A partir de 2005, a DVB expandiu suas transmissões por satélite, tornando-se efetivamente uma rede televisiva aberta – ao alcance do público birmanês, ainda que exilada. A agência é de “fonte aberta”, o que segundo os autores Carvalho, Teixeira e Gomes: “No âmbito do JFA [Jornalismo de Fonte Aberta], textos e comentários constituem *per se* formas de expressão genuína do povo, em termos de interatividade, de referencialidade e de escritura múltipla” (2012, p. 81). Portanto, fonte próxima aos seus objetos de investigação, neste caso, com o objetivo de conscientização política e social do seu público, sendo o compromisso da DVB segundo texto da própria, o combate à informação omitida ou modificada pelo Estado – ou ainda, retomando de Lopes o termo “desinformação”, sob as palavras de Debord:

O conceito, ainda novo, de desinformação foi recentemente importado da Rússia, justamente com outras invenções úteis à gestão dos Estados modernos. Este conceito é sempre abertamente utilizado por um poder, ou corolariamente por indivíduos que detêm um fragmento de autoridade econômica ou política, para manter o que está estabelecido. (...) A desinformação não seria a simples negação de um fato que convém às autoridades, ou a simples afirmação de um fato que não lhes convém: a isto chama-se psicose. (1997, p. 142)

Os arquivos digitais eram enviados por mãos de pessoas confiadas para essa função, ou via internet. Os vídeo-jornalistas responsáveis por esses testemunhos são, muitas vezes, pessoas que têm atribuições na comunidade alheias à formação tradicional jornalística (TEIXEIRA, 2012). Havia desde o começo dos anos 2000 um centro de treinamento desses repórteres secretos na Tailândia, onde trocavam experiências e se reuniam para discutir e tomar diretrizes das pautas, formas de trabalho e novos projetos, segundo relato de um dos

<sup>17</sup>Inter Press Service de 9 out. 2007, disponível em: <<http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2007/10/direitos-humanos/birmania-japao-cooperacao-manchada-por-sangue-de-jornalista/>> (acesso em 19 nov. 2014).

<sup>18</sup>Jornal Diário Digital de 20 fev. 2012, disponível em: <[http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=559385](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=559385)> (acesso em 22 jun. 2014).

vídeo-jornalistas da DVB em entrevista à IFC<sup>19</sup>.

Os vídeo-jornalistas encarregados de registrar a passeata se separaram em meio à multidão, e portanto há cobertura de diferentes pontos de vista. Os materiais que não foram interpelados pela polícia conseguiram alcançar canais televisivos influentes da Europa ocidental – mesmo que logo após o ocorrido a internet de toda a Birmânia tenha ficado fora do ar, devido a “danos nos cabos submarinos” (segundo comunicado governamental). Estes arquivos, aliás, são parte da construção de *Burma VJ*, filme que trouxe grande popularidade ao assunto, tendo indicações e premiações em inúmeros festivais documentais e de filmes independentes, sendo popularizado a grande público quando indicado ao melhor documentário do Oscar de 2010.

Globalmente se sabia da condição ditatorial da Birmânia, mas potencializado por imagens da reação militar aos protestos, pôde-se obter tal registro estético, concedendo materialidade à experiência. Em declaração ao ocorrido em 2007, o então primeiro-ministro inglês, Gordon Brown, evidencia o novo - e preocupado - olhar internacional lançado sobre a Birmânia, convocando o Conselho de Segurança da ONU:

O primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown, pediu uma reunião ainda nesta quarta do Conselho de Segurança da ONU para analisar a crise em Mianmar. "Todo o mundo está olhando agora para Mianmar", afirmou Brown em declaração, depois que o governo birmanês mobilizou tropas nas ruas de Yangun (Rangum) para conter as manifestações de monges e estudantes a favor da democracia.<sup>20</sup>

A empatia entre diversos públicos ao redor do mundo e os birmaneses potencializou não apenas países influentes a pressionarem o governo birmanês mas, pelas notícias sucessoras ao fato, vê-se a força de luta dos birmaneses resistentes se renovar, pois deram prosseguimento ao trabalho. uma próxima ocasião, reproduziram a lição aprendida com a denúncia audiovisual feita sobre as repressões da Açafrão, usando suas câmeras para registrar e publicizar a experiência deixada em 2008 pelo ciclone Nargis e a insuficiência governamental para socorro da ocasião.

O ciclone Nargis é maior catástrofe natural já registrada até então na Birmânia. Segundo contabilidade da ONU e Cruz Vermelha, o número de mortos passou de cento e trinta e quatro mil pessoas, fruto não apenas vítimas diretas do fenômeno natural em si, mas

---

<sup>19</sup>Disponível em: <<http://www.ifc.com/fix/2009/01/interview-1>> (acesso em 4 jun. 2014).

<sup>20</sup>O Estado de S. Paulo, 26 set. 2007.

também da parca distribuição de remédios, água potável e alimento. A intervenção de iniciativa popular, consequência da desconfiança do povo frente aos anos de abusos, instabilidade econômica e as infrações contra os monges budistas na Açafrão, também chamou a atenção da discussão de outros países e organizações internacionais. Os cinegrafistas responsáveis eram cidadãos alheios à DVB e aos vídeo-jornalistas, e usaram suas câmeras filmadoras para registrar os abrigos improvisados, entrevistar desabrigados obtendo relatos imagéticos com relação ao número de dias sem comida, água e suprimentos médicos. Baseados no modelo de trabalho dos vídeo-jornalistas, estes cidadãos contrabandearam os arquivos às televisões e jornais estrangeiros. Em tradução livre, um pequeno excerto da FOX News.com sobre os vídeos recebidos:

Enquanto a junta militar da Birmânia continua a impor barreiras à entrada do socorro estrangeiro para a nação devastada pelo ciclone, um novo vídeo recentemente contrabandeado para fora do país mostra a intensidade do Ciclone Nargis e a destruição causada. (...) O arquivo saiu do país através de um complexo sistema de correspondência. Mídia e informação são altamente controladas na Birmânia, também conhecida como Mianmar, e qualquer um que porte equipamento de vídeo ou celulares via satélite pode ser preso.<sup>21</sup>

No ano de 2010, o governo debilitado devido à má administração econômica e social, foi substituído por civis eleitos em uma democracia parlamentar. Para dar crédito à nova eleição, o governo tomou uma série de medidas “apaziguadoras”, como anistiar os presos políticos. Entretanto, consideramos que seja ainda um processo de transição política, uma “aproximação à democracia”, visto que ainda na presente data, 25% do parlamento seja reservado a autoridades militares e a presidente eleita em 1990, Aung San Suu Kyi, esteja impedida de exercer o cargo<sup>22</sup>. Exercendo força política de modo oculto, ou retirando – ainda que com teimosia – aos poucos a sua influência, há perceptível mudança da postura governamental em resposta às pressões nacionais e internacionais.

## 2 MEDIATIZAÇÃO DE UMA REVOLUÇÃO

O produto fílmico *Burma VJ* corresponde ao registro de uma prática social, de forma

---

<sup>21</sup>FOX News.com, 5 jun. 2008.

<sup>22</sup>O marido de Suu Kyi, Michael Aris, morreu em 1999 e desde então ela não se casou novamente. Na Birmânia, é proibido que mulheres que não sejam casadas exerçam os mais altos postos de autoridade. Podem, entretanto, fazer parte do parlamento. Há ainda outra lei que resguarda os interesses militares sobre a presidência do país: não pode ter a candidatura homologada o candidato que não obtiver 75% de aprovação do parlamento para que entre na disputa eleitoral (relembrando que 25% das cadeiras parlamentares sejam destinadas ao corpo militar).

específica, das manifestações políticas realizadas pela população na Revolução Açafrão. Este estudo apresenta como hipótese a midiaticização da Revolução Açafrão: a partir do momento em que esta prática é gravada pelas suas câmeras e colocada em circulação nos canais televisivos, festivais de cinema, internet, vídeos compartilhados em redes sociais da internet (e tantos outros caminhos), ele está midiaticizando a prática social, processo que aprofundaremos a seguir.

O filme *Burma VJ* é narrado e protagonizado por Joshua (codinome), também correspondente da DVB, porém exilado. Na maior parte do tempo, conta sobre a Revolução Açafrão, mas nos últimos minutos faz algumas notas sobre o ciclone Nargis e a mobilização popular em tê-lo registrado e tornado pública a experiência através de instituições estrangeiras. A composição que o documentário utiliza é de arquivos da revolução e do ciclone, sendo que para conduzir sua enunciação, conta com o auxílio de cenas recriadas. Para desenvolver a análise desta situação, se faz necessário considerar alguns conceitos antes, começando pela própria midiaticização. Parafraseando o conceito discutido pelo professor Ricardo Fiegenbaum (2007) fundamentado em Pedro Gomes, a midiaticização vem a ser a inserção deste produto, no caso o registro realizado pelos birmaneses, no fluxo midiático, por intermédio de um dispositivo midiático. A isso também se refere o professor Jairo Ferreira, “(...) Somente nos dispositivos midiáticos, se explicita, com toda a força, as dimensões constitutivas específicas da midiaticização (...)” (FERREIRA, 2007, p.7), afirmando a imprescindibilidade dos processos midiáticos para que haja midiaticização.

Entretanto, para consistência das conceituações inseridas nesta pesquisa, faz-se necessário ainda buscar a clareza do que é o item “dispositivo”, que no entendimento de Ferreira, dá ênfase à coletivização na funcionalidade do “dispositivo midiático”, expresso por ele da seguinte forma:

O conceito de dispositivo que utilizamos (Ferreira, 2002d) absorve e concretiza o termo mídia. (...) Nos referimos ao que afirma Peraya (1999b): Seja sobre televisão, a WEB, o correio eletrônico, as videoconferências, etc., a análise mais corrente de uma mídia consiste em considerar a sua globalidade. (...) A maioria das definições propostas por outros autores faz, ainda, referência a noção de instrumentalidade da mídia, objeto que permite a difusão da informação e comunicação. (...) (FERREIRA, 2002, p.2).

Desta forma, podemos agregar à discussão o seguinte entendimento sobre os “dispositivos midiáticos”: tecnologias que atendem uma determinada demanda social de comunicação. Porém, não podemos deixar de pensar a realidade prática desses instrumentos: a necessidade acaba por forjar o uso da tecnologia conforme seu interesse. Para Braga,

Essa parece ser uma constante, a cada tecnologia produzida. Basta pensar que o rádio foi tecnologicamente desenvolvido para viabilizar comunicações ponto a ponto, como por exemplo entre navios, que não podiam utilizar a tecnologia do telégrafo (com fios). Até hoje, na França, o rádio é chamado de "t.s.f." (telégrafo sem fios) - sendo usado, evidentemente, para ações interacionais muito diferentes a partir de invenções sociais. (BRAGA, 2012, p.36)

A tramitação das transformações sociais e políticas da Birmânia às quais nos referimos trouxeram diferente função da habitual para o registro audiovisual. Pode-se perceber que o equipamento, ainda que inserido em uso pessoal, veio a contemplar o aspecto militante e, de certa forma, a materialidade do vídeo digital tem desvelado a modificação de hábitos como, por exemplo, a eternização das experiências por registro fotográfico e/ou fílmico: apenas ir a um certo evento, sem filmar ou fotografar, já não tem mais parecido ser uma experiência tão completa. A popularização do ato de registrar também tem agido, além de eternização da experiência, como testemunho. Estes registros imagéticos, alcançando muitas ou poucas visualizações, têm sido uma forma de se ter voz de modo relativamente barato e rápido, e de preservar a sua memória.

As imagens dos policiais em combate à manifestação civil comunica um conteúdo afirmado pelos militantes como posicionamento de denúncia contra o regime, de insatisfação com o que passou e de rejeição ao que virá, se nada mudar. As imagens dos vídeos avulsos assim que foram espalhados por contrabando adquirem caráter de denúncia, e quem se ocupou de sua mediação, isto é, de levá-los ao público, foram os canais televisivos nos seus programas jornalísticos. O documentário, por sua vez, trata-se de uma mediação de forma semelhante, porém, com começo, meio e conclusão dentro de um único produto que manifesta seu sentido através de uma determinada narrativa proposta por seu diretor. Este absorve os vídeos avulsos para propor sua enunciação, conduzindo suas significações a favor da argumentação de seu enunciado. Ali no filme, os fragmentos estão a serviço do sentido que o conjunto pretende construir, e tal processo de midiatização também é mediação, pois que orquestra os fragmentos de modo a rerepresentá-los, ligá-los e narrá-los para seu enunciatário.

A mediação, para Braga, toma a seguinte definição epistemológica:

(...) A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento” (BRAGA, 2012, p.32).

Considerando esta forma de conceito para pensar a comunicação humana, trata-se

de um processo que apresenta a realidade do sujeito a ele mesmo – as “lentes” - por um meio de comunicação. Ainda para o autor, “Em perspectiva genérica, uma mediação corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes.” (ibidem): a sociedade fala dela para ela, em leituras determinadas por certo ponto de vista, dado que é impossível obter um quadro completo e/ou imparcial das complexas relações humanas.

## **2.1 Da prática social à prática discursiva**

Procurando compreender qual é a forma da transição entre manifestação popular e o discurso fílmico *Burma VJ*, ou seja, desta midiaticização, é preciso abordar os termos que conceituam prática social e prática discursiva. Primeiramente, a prática social pode ser entendida como a prática que se dá entre sujeitos sociais, e no caso deste estudo, prática que se desenvolve sem a mediação de dispositivo midiático, a manifestação popular denominada Revolução Açafrão. Por seguinte, uma das propostas sobre qual a natureza de “prática discursiva” dada por Michel Foucault, para relacionarmos com a hipótese de movimentação de poder, é “(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa.” (FOUCAULT, 1986, p.136).

O “enunciado” a que Foucault está se referindo é intimamente ligado ao seu contexto de produção e recepção – em perspectiva de Rosa Maria Bueno Fischer, pesquisadora do enunciado foucaultiano, isto precisa ser analisado da seguinte forma: “(...) Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva.” (FISCHER, 2001, p.202). Tomando como ponto de partida o critério de descrição foucaultiana empreendido por Fischer, podemos considerar quem, onde e quando fala, por quê fala, o que fala e como fala. Em se tratando de um meio audiovisual, tomaremos a contextualização já apresentada como sendo sua motivação de acontecimento, e examinar peculiaridades do discurso fílmico, como aspectos de produção, direção e exibição.

## 2.2 Mdiatizando a Revolução Açafrão

O processo de midiaticização da Revolução Açafrão desenvolve-se na forma de um produto que media a fala de um criador e co-criador com seu público, isto é: seu diretor, Østergaard, e o personagem principal/ narrador, Joshua, que negociam juntos a narrativa do documentário. Joshua, em entrevista à IFC<sup>23</sup>, afirma que “(...) eu preciso falar por todo mundo, não só por mim, não só pelo nosso grupo, mas por todos na Birmânia”, e por esta declaração, infere-se o contexto de “sufocação” sendo uma de suas motivações principais para ter empreendido trabalhar como correspondente da DVB e também no documentário.

O modo de produção de *Burma VJ* é um trabalho de montagem de arquivos: os vídeos foram gravados e contrabandeados de forma “avulsa” aos canais televisivos<sup>24</sup>, mas também foram agregados ao documentário. Alguns arquivos intrincados no filme são antigos, de outras manifestações, ainda outros da Revolução Açafrão e do ciclone Nargis e a costura narrativa se constrói em “introdução-desenvolvimento-conclusão” por cenas recriadas, de modo a mostrar seu sentido tradicionalmente: nos contextualiza, exhibe a Revolução, conclui expondo resultados obtidos até então (a resposta popular de midiaticização do Nargis) e o que o narrador, Joshua, pretende ainda fazer mesmo estando exilado. No dado contexto de censura, o vídeo digital foi usado para registro que proporcionou fragmentos esparsos contrabandeados às redes televisivas, mas que também compuseram o corpo do documentário dirigido por Østergaard, o que determina duas formas de midiaticização da revolução: os fragmentos e o filme – e onde esta pesquisa recorta o objeto a ser examinado, o filme.

O texto audiovisual carrega uma experiência impactante, pois a imagem traz consigo uma “verdade”. Na análise de Bill Nichols, “a capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele-nos a acreditar que a imagem seja a própria realidade rerepresentada diante de nós (...)” (NICHOLS, 2001, p. 28). A impressão de “realidade” é o que vai tornar a proposta filmica crível, fator apresentado por Ana Paula Penkala da seguinte forma:

(...) A *impressão de realidade* sempre foi o capital da imagem cinematográfica. O filme é crível e seu contexto de exibição só colabora para que essa impressão – que já começa pelo *movimento aparente* – se dê. (...) Se na fotografia a transposição para o papel congelava a imagem do mundo, no cinema o mundo é transposto para as imagens (quase) como é no real, ou seja, em movimento (mais tarde também sonoro e em cores). (...) (PENKALA, 2011, p. 116)

<sup>23</sup>Mesma página da entrevista anterior da IFC.

<sup>24</sup>A resposta do governo birmanês aos vídeos divulgados pelos jornais europeus é de que se tratavam de propaganda falsa: [http://jonrichardsplace.com/Burma\\_VJ.html](http://jonrichardsplace.com/Burma_VJ.html) (acesso em 17 nov. 2014).

Agrega-se à “veracidade” da fotografia do documentário ela ser, em grande parte, borrada, por ser um entendimento internalizado do espectador o fato de que o “real” é captado sem preparações ou caprichos. A simplicidade técnica do registro se dá pela necessidade de rapidez pedida pela ocasião, baixa resolução de tela das câmeras pequenas, câmera na mão ou escondida, correria das multidões, etc., que acabam se tornando argumentos de fortificação da tese a ser afirmada por essas mensagens imagéticas: as condições sofríveis para conseguir registrar seu objeto se traduzem para nós no valor investido para que aquilo fosse de fato registrado. Por meio da interiorização no seu espectador de que quanto menos “caprichos” no seu enquadramento, mais “verdadeiro” é seu conteúdo, pois foi mais custoso realizá-lo quanto mais adversas forem as condições.

Soma-se ao caráter de veracidade que atribuímos às imagens tremidas e sons abafados o fator de que qualquer um que tenha se disposto a realizar esses registros pode pagar um preço muito caro, segundo o hábito policial de apreensão de equipamentos e detenção (com possível espancamento) pelo porte destes, registrado pelo filme. Pode ser confirmado palavras do editor-chefe da DVB, Aye Chang Naing, em um trecho de entrevista que declara sobre como os vídeo-jornalistas encaram os riscos tomados para fazer e enviar suas matérias:

Eu acho que é isso o que todo jornalista faz: assume riscos para expor o que está realmente acontecendo. O que é extraordinário sobre os jornalistas que estão trabalhando dentro da Birmânia com a DVB é que eles sabem que estão em constante risco, todos os dias. Um deles, depois que seu arquivo foi exibido na CNN, disse: “agora estou feliz em ir para a prisão, se eu for preso”. Então eles tem um enorme desejo de que a informação alcance todo o mundo, assim aquelas pessoas saberão sobre a Birmânia.<sup>25</sup> (tradução livre)

Apesar de a imagem tremida trazer a implícita “realidade” a que nos referimos, a natureza do documentário é ser uma leitura sob determinada perspectiva de seu objeto. Na discussão de Winston, sobre a retomada dos pensamentos do teórico John Grierson, é afirmado o seguinte:

(...) John Grierson quando criou aquela definição original de documentário como ‘o tratamento criativo da realidade’, estava ansioso para distinguir os documentários dos cinejornais, dos filmes sobre viagens, dos filmes científicos, etc. Ele via o documentarista como um artista, como uma pessoa que mediava a filmagem do mundo real para iluminar a condição humana através de seus próprios *insights*. (...) (WINSTON, 2005, p. 22).

Por isso, em contraste das evidências fotográficas cruas e até mesmo perturbadoras, entram

<sup>25</sup> HBO, sem data. Interview with Aye Chang NAING: <http://www.hbo.com/documentaries/burma-vj-reporting-from-a-closed-country/interview/aye-chang-naing.html#/> (acesso em 20 nov. 2014).

também cenas pensadas para moldar a sua narrativa. A justificativa é a clareza com que o diretor deseja mediar a história da Revolução Açafrão e atuais condições da Birmânia ao seu receptor.

A circulação deste produto se deu primeiramente em festivais (principalmente europeus) sobre o gênero, e seus fragmentos que foram transmitidos também para os noticiários estrangeiros rapidamente foram disponibilizados por diversos perfis do YouTube. Os canais de televisão europeus e norte-americanos que apoiaram a produção do filme puderam realizar suas exposições assim que findado o percurso em festivais e, no Brasil, foi exibido pela Tv Cultura em julho de 2012. Quando a mediação deste produto se dá pela televisão, e desta para a internet, efetua um impacto maior que a de um texto impresso, pois a televisão e a internet possuem (ainda que isoladas) uma parcela maior de tempo dispensado no dia-a-dia contemporâneo. Isto tanto pelo tal impacto causado em quem vê, quanto por ser um registro que, por tantas multiplicações quando inserido em circulação, dificilmente possa se conter ou apagar, disseminado pela internet. Dessa forma, materializar a experiência por meio do audiovisual, em canais de grande cobertura populacional, foi fator para o enfraquecimento da censura e, conseqüentemente, diluição da aparente invencibilidade destas autoridades às quais a promoção deste discurso se insurge.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo-se em vista que a proposta deste trabalho era perceber como se deu o processo de midiatização da Revolução Açafrão por meio, especificamente, do documentário *Burma VJ*, analisamos o filme e seu contexto de modo a perceber a questão-problema, dentro da qual se pretendeu examinar como se dá a transformação de práticas sociais (a militância, por exemplo, ou a Revolução em si) em práticas discursivas através de dispositivos midiáticos, como os vídeos enviados para as redes de TV e, aqui especialmente, o documentário *Burma VJ*. Esta análise conduziu possivelmente a mais perguntas do que respostas, pois entramos em um assunto que trata de “dar voz” a uma causa, abrir espaço para sua argumentação, mas ainda nos perguntamos sobre quais os interesses envolvidos dos (hegemônicos) canais televisivos que apoiaram a realização deste produto.

A midiatização pode ser entendida como a área de passagem da prática social para a prática discursiva. Assim, a Revolução Açafrão pode ser dividida em duas formas de midiatização, ambas partindo da mesma fonte onde, no ato da manifestação popular, os vídeo-

jornalistas se dispersam em seu acontecimento e captam seus diversos segmentos. Uma forma de processo de midiatização começa a se diferir de outra conforme os objetivos que se têm para cada produto que dali sairá: vídeos fragmentados aos canais estrangeiros, ou arquivos enviados à Dinamarca para montagem do documentário.

As duas formas, no entanto, são o processo de passagem do “ato” vivo à reprodução imagética, e suas decorrentes re-reproduções na dinâmica de circulação em que se inserirem seus produtos. Optando por examinar a midiatização em forma de documentário, este percorreu festivais celebrando quatorze prêmios e seis nomeações, uma delas a melhor documentário no prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas Norte-americana (o Oscar) em 2010, o que lhe proporcionou maior publicidade, e feita a carreira em festivais e mostras, entrou nos circuitos documentais dos canais televisivos europeus. Ambas as saídas do material, fragmentada e “jornalística” ou documental, podem ser abundantemente encontradas na internet, onde se promovem discussões nos comentários dos vídeos hospedados via YouTube e reinserções à circulação pelas redes sociais, etc., onde se reverberam e complementam o debate junto a outras manifestações militantes midiatizadas como por exemplo, as manifestações brasileiras de junho de 2013 e as tailandesas de 2013-2014.

Pesquisando os últimos anos do regime militar birmanês, encontramos a diversa adaptação do uso do audiovisual em uma mesma trajetória de contexto. Ora, os birmaneses não sairiam na situação de um ciclone ou manifestação popular para adquirir câmeras, mas elas já estavam presentes em seu cotidiano. A potencialidade da midiatização, desse modo, foi moldada a fim de satisfazer a conscientização social sobre o uso de suas tecnologias no contexto destes eventos, levando a prática militante à televisão e ao documentário (este também vai, posteriormente, para a televisão, mas fora da programação jornalística).

Observa-se por isso que a mídia pode atender tanto aos interesses das forças políticas dominantes, assim como pode ser uma arma contra – pois os meios de comunicação podem redistribuir o poder na sociedade, entre e dentro das instituições (HERNES apud HJARVARD, 2012, p. 56), em especial o vídeo e o cinema. Ainda, o fato de os vídeos serem tramados dentro de um mesmo produto fílmico torna o filme principal elemento de mediação, pois ele permite que outras pessoas saibam ampliando o entendimento dos eventos narrados por uma narrativa esclarecedora. Isto é, ele recebe uma organização sobre a ordem dos fatos, apoiados por narração, construído de forma a contar com clareza a motivação da Revolução Açafrão, seu desenvolvimento e os resultados percebidos.

Para possível seguimento ao material até aqui encontrado, esta pesquisa pode se tornar base para a investigação de questionamentos que surgiram durante o percurso de estudo. As principais questões são relacionadas à produção do documentário: a apropriação da indústria sobre um discurso livre, transformando-o em mercadoria, por exemplo. Enquanto isso possibilita maior visibilidade da causa, quais os possíveis efeitos divergentes levando em conta as disputas de poder envolvidas? O que motiva esta indústria (os diversos canais e produtoras que investiram na realização do filme, por exemplo) a que se faça conhecida a causa birmanesa?

Notou-se comum entre as fontes pesquisadas (para a contextualização histórica) afirmar que a Revolução Açafrão foi uma revolução que “falhou”, mas no presente estudo pudemos desenvolver outra visão: que na verdade, ela foi em seu ato sufocada, mas não contida. A midiaticização pela qual passou – registro audiovisual mais o envio às televisões e ao *corpus* do filme, que já diria “Notícias de um país fechado” – promoveu inclusão da discussão às pautas internacionais e preservação da memória de seu processo histórico.

O vídeo não é o único ou maior fator responsável por minar a hegemonia militar, mas dentro de várias conexões, certamente parte colaborativa do processo. Não se trata de um evento inédito que esta tecnologia tenha importantes funções em embates políticos e sociais, mas no específico caso da Birmânia, o que se nota é que não foi apenas participar da queda de um regime de mais de quarenta anos, mas aconteceu que em troca desta censura, à necessidade do momento se manifestaram práticas de registro e de denúncia audiovisuais.

## REFERÊNCIAS

BIRMÂNIA-JAPÃO: Cooperação manchada por sangue de jornalista. Mutsuko Murakami. In: *Inter Press Service*, 9 out. 2007. Disponível em: <<http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2007/10/direitos-humanos/birmania-japao-cooperacao-manchada-por-sangue-de-jornalista/>> Acesso em 19 nov. 2014.

BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus campos sociais*. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; e JACKS, Nilda (orgs.). *Mediação & Midiaticização – Livro Compós*. EDUFBA: Salvador, 2012.

BROWN pede reunião do Conselho de Segurança sobre Mianmá. In: *O Estado de S. Paulo*. Caderno Internacional, 26 set. 2007. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/europa,brown-pede-reuniao-do-conselho-de-seguranca-sobre-mianma,56990>> Acesso em 19 ago. 2014.

BURMA: Saffron Revolution 2007 (1). Vídeo, 5'15. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WfwzWVMKOpM>> Acesso em 15 jun. 2014.

BURMA VJ - *Reporter i et lukket land*. Anders Østergaard. Dinamarca: 2008. 84 minutos.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUELEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CORDEIRO, Márcia G. *A Birmânia e a luta pela Democracia: 1988-2010*. Março 2012, 133 folhas. Dissertação – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://run.unl.pt/handle/10362/8676>> Acesso em 4 jun. 2014.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo e Comentários sobre a sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Contraponto Editora, 1997.

FERREIRA, Jairo. *Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação*. In: *Revista e-Compós*, Brasília, n. 10, dez. 2007.

FERREIRA, Jairo. *Dispositivos midiáticos*. 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org/bitstream/1904/20178/1/jairo+ferreira.pdf>> Acesso em 20 nov. 2014.

FIGENBAUM, Ricardo Zimmermann. *Estamos “condenados” à midiatização? Articulações conceituais em torno dos processos midiáticos*. *Revista Midiatização e Processos sociais*. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>> Acesso em 22 nov. 2014.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

HJARVARD, Stig. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. In: *MATRIZES*, São Paulo, Ano 5, n. 2, páginas 53 a 91, jan-jun 2012.

HUMAN Rights Watch. *“My gun was as tall as me”: Child soldiers in Burma*. Relatório. Outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.hrw.org/reports/2002/burma/Burma0902.pdf>> Acesso em 1º jul. 2014.

LOPES, Ruy Sardinha. *A imagem na era de sua reprodutibilidade eletrônica*. 02/10/1995. 201 páginas. Dissertação - Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

MONKS being shot at in Myanmar 26-9. Vídeo, 7'09. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_SxZc1mXHos](https://www.youtube.com/watch?v=_SxZc1mXHos)> Acesso em 15 jun. 2014.

MYANMAR: Corpo de jornalista japonês chegou a Tóquio. In: *Diário digital*. Disponível em: <[http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=297949](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=297949)> Acesso em 21 jun. 2014.

NEW footage of Cyclone Nargis, aftermath shows desperate conditions in Burma. In: *FOXNews.com*. *Caderno Mundo*, 05 jun. 2008. Disponível em: <<http://foxnews.com/story/2008/06/05/new-footage-cyclone-nargis-aftermath-shows-desperate-conditions-in-burma>> Acesso em 20 ago. 2014.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papyrus, 2005.

OCT2, Update Burma news on cnn. Vídeo, 1'45. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bjEz16lTK2M>> Acesso em: 15 jun. 2014.

ON the ground in Yangon – 28 sep 07. Vídeo, 3'47. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=xH\\_ZqfTOrxk](https://www.youtube.com/watch?v=xH_ZqfTOrxk)> Acesso em 15 jun. 2014.

PENKALA, Ana Paula. *O mal-estar na visualização e outras estéticas: da imageria do audiovisual pós-moderno*. Março de 2011, 304 páginas. Dissertação – Faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

QUINTANA, Tomas Ojea. *Human rights situation that require the council's attention – Progress report of the Special Rapporteur on the situation of human rights in Myanmar*. Relatório. Conselho de Direitos Humanos, Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, 2011. Disponível em:  
<<http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/13session/A-HRC-13-48.pdf>> Acesso em 05 out. 2014.

REYNOLDS, Gavan. *Burma in Transition: An Analysis*. Austrália: Centro de Defesa e Estudos de Estratégia da Faculdade Australiana de Defesa, 2011. Disponível em: <[http://www.defence.gov.au/adcdocs/cdss2011/Publens\\_ShedPaper\\_110530\\_BurmainTransitionAnAnalysis.pdf](http://www.defence.gov.au/adcdocs/cdss2011/Publens_ShedPaper_110530_BurmainTransitionAnAnalysis.pdf)> Acesso em: 03 out. 2014.

*SEVENTEENTH conference of human rights*. Universal Periodic Review. Relatoria em vídeo, 11 jun. 2008. 65 minutos. Disponível em:  
<<http://webcast.un.org/ramgen/ondemand/conferences/unhrc/seventeenth/hrc110608am1-eng.rm?start=00:02:07&end=00:12:02>> Acesso em 4 out. 2014.

TARGINO, Maria das Graças; CARVALHO, Cristiane Portela de; e GOMES, Alisson Dias. *Centro de Mídia Independente Brasil: jornalismo cidadão e democracia representativa*. S. Caetano do Sul: Comunicação & Inovação, 2008.

TEIXEIRA, Thays Helena Silva. *Comunicação comunitária e jornalismo cidadão: diferenças teóricas e a apropriação mercadológica*. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2012.

WINSTON, Brian. A maldição do 'jornalístico' na era digital. In: MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir (orgs.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.